

**FUTEBOL, RACISMO E MEDIA:
os discursos da imprensa portuguesa durante o fascismo
e pós-Revolução de Abril**

***FOOTBALL, RACISM AND MEDIA:
portuguese press discourses during fascism
and post-April Revolution***

Pedro Sousa de Almeida*

Resumo

Este artigo questiona a ideia de que o 25 de Abril de 1974 originou uma rutura completa com os discursos colonialistas e racistas que marcaram a ditadura. Depois de se analisar, criticamente, o estado da discussão teórica sobre futebol e racismo no contexto europeu, mostra-se como o contexto do futebol constitui um espaço privilegiado para a glorificação e banalização do colonialismo e do racismo. A componente empírica do trabalho estabelece uma análise comparativa dos discursos da imprensa portuguesa entre o período fascista e o contemporâneo, procurando realçar as suas ruturas e continuidades. No primeiro, evidencia-se o modo como os discursos coloniais racistas contribuíram para a consolidação de ideias sobre a nação assentes na *grandiosidade portuguesa*. O segundo período analisa as narrativas dominantes produzidas pelos media por ocasião do falecimento de Eusébio da Silva Ferreira, mostrando-se de que forma a celebração e exaltação da sua *portugalidade* se encontra profundamente ancorada no paradigma colonial.

Palavras-chave: Discurso colonial. Futebol. Imprensa Portuguesa. Eusébio.

Abstract

In this paper, the claim that the Carnation Revolution in 1974 brought a complete break with the dictatorship's racist colonial discourses is challenged. The state of art in the debate on racism and football is critically reviewed, followed by an explanation on how the football context is an invaluable platform for glorifying and trivializing colonialism and racism. The empirical component of this study establishes a comparative analysis between the discourses in the Portuguese press during the fascist period and those of today, seeking to highlight ruptures and continuities. In the first period, the idea of the nation based on Portuguese grandeur and fed by racist colonial discourses is evidenced. In the second period, the dominant narratives produced by the media on the death of Eusébio da Silva Ferreira are analysed, thus showing how the celebration and exultation of 'Portugality' is deeply anchored in the colonial paradigm.

Keywords: Colonial Discourse. Football. Portuguese Press. Eusébio.

* Doutorando em Democracia no Século XXI no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC). Antropólogo pela Universidade de Coimbra. E-mail: pedroalmeida@ces.uc.pt

Introdução

A partir do estabelecimento de uma perspetiva comparativa dos discursos da imprensa portuguesa entre o período salazarista e o contemporâneo, este artigo analisa o modo como os media reproduzem, no contexto do futebol, a ideologia colonialista e racista. Não obstante a publicação de alguns estudos mais recentes, a produção académica sobre futebol e sociedade permanece marginal na ciência social portuguesa. Desta forma, o presente trabalho procura, por um lado, contribuir para o enriquecimento desta área temática e, por outro, questionar as visões dominantes que defendem a tese de que o racismo em Portugal assenta em “crenças” de alguns indivíduos (VALA et al., 1999).

No contexto europeu, particularmente nas últimas duas décadas, a contribuição de um conjunto de investigadores tem concorrido para a autonomia e enriquecimento do debate teórico sobre racismo e futebol (CARRINGTON, 1998; BACK et al., 2001; SAEED, KILVINGTON, 2011). Não obstante esta progressiva autonomia e consistência que tem vindo a ser conquistada, uma parte significativa dos estudos permanece refém dos parâmetros que têm orientado os trabalhos sobre futebol e violência, assente na ideia de que o racismo está confinado a subculturas específicas de adeptos. Esse aspeto, tal como se procurará evidenciar, tem exercido, igualmente, uma forte influência na forma como muitos autores problematizam, desde logo, a própria ideia de racismo.

Nesse sentido, a excessiva atenção dirigida à análise do comportamento “antissocial” de grupos específicos, além de reificar a ideia do “adepto racista”, por oposição à “sociedade tolerante”, exonera os restantes atores envolvidos no futebol. Assim, procura-se realçar o papel que os media desempenham na manutenção da ideologia colonial racista e na produção de ideias sobre a nação. Porém, não se trata somente de abordar os discursos racistas no futebol como simples reflexo das normas e valores dominantes, mas também de explorar a relação entre identidade nacional, imperialismo e colonialismo (CARRINGTON, 1998).

O artigo está dividido em duas partes, combinando teoria e análise do discurso. Na componente teórica, dividida em duas secções, procede-se a um exame crítico do debate sobre futebol e racismo no contexto europeu. No primeiro ponto, analisa-se a produção anglo-saxónica, que tem vindo a ganhar uma maior consistência analítica, permitindo, assim, a emergência de novas leituras contra-hegemónicas. Na segunda secção, abordam-se os trabalhos desenvolvidos na Europa do Sul, que, embora procurem um distanciamento crítico em relação aos estudos britânicos, permanecem reféns dos pressupostos teóricos que guiaram uma parte significativa dessas publicações.

A componente empírica desenvolve-se a partir da análise dos discursos da imprensa portuguesa em dois períodos distintos, procurando destacar as ruturas e continuidades históricas que marcam as narrativas dominantes em Portugal. O primeiro, compreendido entre 1960 e 1974, explora o modo como os discursos colonialistas e racistas contribuíram para a consolidação de um imaginário nacional assente na ideia da *grandiosidade lusitana*. O segundo período, situado na

contemporaneidade, evidencia as continuidades históricas das narrativas coloniais. Concretamente, através da análise dos discursos veiculados e reproduzidos pelos media, a propósito do falecimento de Eusébio da Silva Ferreira, mostra-se o modo como a exaltação da sua *portugalidade*, profundamente ancorada no imaginário colonial, “apaga” a própria história (TROUILLOT, 1995).

Futebol, Racismo e Teoria: uma leitura crítica dos estudos anglo-saxónicos

Publicados na década de 1980 e princípios da década de 1990, os primeiros trabalhos que tinham como enfoque central o racismo no futebol europeu procuravam refletir o impacto causado pela chegada de jogadores vindos das antigas colónias britânicas. Foi, precisamente, a partir desta altura que se começaram a escutar, nos estádios, os insultos racistas dirigidos a jogadores negros (WILLIAMS, 1992; HOLLAND, 1996; BACK et al., 1998).

De uma forma geral, desde esse período até à atualidade, a generalidade dos estudos que têm explorado a questão racial no futebol tem-se pautado pela ênfase na postura e comportamento dos adeptos, com especial incidência nos grupos *hooligans*¹. Com efeito, as manifestações racistas que ocorrem na arena do futebol têm sido atribuídas a grupos específicos de adeptos que veem nos estádios um espaço privilegiado para expressar as suas ideologias (TESTA; ARMSTRONG, 2010). Evidentemente que essa “presença” de jogadores negros poderá ter ativado determinadas práticas, concedendo maior visibilidade a este fenómeno. No entanto, recorrendo à expressão de David Goldberg (2009, p. 152), a “raça” tinha sido “enterrado viva”, contrariando, assim, as narrativas dominantes, que disseminaram a tese de que o racismo europeu teria sido ultrapassado (DURAN; JIMÉNEZ, 2006),

As perspetivas críticas de Les Back, Tim Crabbe e John Solomos (1998, 2001), ao distanciarem-se do ativismo moral que tem assinalado uma parte significativa dos estudos, contribuíram para o enriquecimento do debate académico, já que puseram em destaque os diferentes e intrincados processos racistas que se produzem no espaço do futebol. Concretamente, os autores enfatizaram a ideia de que a abordagem do racismo como um mero elemento constituinte de um vasto campo de “comportamentos antissociais” tem resultado no depauperamento da discussão académica: “o rótulo do hooligan/racista torna possível o estabelecimento de um pária moral, para, em seguida, em contraste com esta imagem de desvio, se

¹ O hooliganismo é uma subcultura de adeptos, originária da Grã-Bretanha, em finais de 1960, e que se caracteriza pela procura de confrontação física com outros grupos rivais e/ou com as forças policiais. Devido à crescente vigilância a que têm sido sujeitos por parte das autoridades europeias, e também como forma de afirmação perante outros grupos, os *hooligans* adotaram o chamado “estilo casual” que, genericamente, se caracteriza pela não utilização de adereços alusivos aos clubes que apoiam e pelo uso de vestuário de estilistas de renome, tais como Armani, Burberry, Lacoste, Ralph Lauren ou Fred Perry.

promoverem novos códigos de comportamentos próprios e aceitáveis dentro do estádio de futebol” (BACK et al., 1998, p. 427).

Tendo em vista o enriquecimento e a autonomia dos estudos sobre futebol, raça e identidade nacional, é crucial desvincular o debate académico da discussão sobre o hooliganismo. Neste sentido, salienta-se a pertinência de uma discussão mais alargada, com outras contribuições críticas dos estudos sobre raça, racismo e teoria social, de forma a desenvolver o debate (BACK et al., 2001, p. 33). Assim, a questão central prende-se, desde logo, com a própria concepção de racismo, entendido como “um discurso variável e com múltiplas inflexões que organiza e define os atributos humanos recorrendo a contornos racistas que codificam, de uma forma exclusiva, a definição de identidade, direito e pertença” (BACK et al., 2001, p. 6).

Com efeito, o racismo ultrapassa largamente o universo dos adeptos e vai muito para além, por exemplo, da linguagem abertamente racista que se escuta nos estádios. Na verdade, esse é apenas um dos campos no qual se produz e reproduz o estabelecimento de uma hierarquia racial, de discursos de pertença e de exclusão. Ou seja, o desaparecimento de antigas formas de racismo não é necessariamente implicativo de um progresso social (BACK et al., 2001). Mais do que isso, parafraseando Philomena Essed (1991), não exclui o “racismo do dia-a-dia”. Essa banalização e normalização do racismo é, na realidade, um dos aspectos que o torna chocante e, ao mesmo tempo, tão perturbador (BACK et al., 2001, p. 117).

No caso concreto da Grã-Bretanha, por exemplo, tem sido salientada a ideia de que o futebol ocupa um lugar fundamental para a compreensão da própria reconfiguração do racismo moderno (Bradbury, 2010). Foi, aliás, a partir dessa tese que Carrington (1998) explorou a forma como os discursos dominantes que emergiram no contexto do Campeonato Europeu de 1996, organizado pela Inglaterra, excluíram negros e asiáticos. Mais especificamente, sublinha-se que algumas das expressões culturais que acompanharam a própria competição são parte de um processo mais vasto que associa a identidade nacional inglesa à identidade masculina branca (CARRINGTON, 1998, p. 101).

Esse processo ocorre, na verdade, a vários níveis. Em primeiro lugar, emerge nos discursos políticos que, apesar de “racialmente codificados”, procuram “invocar a noção de uma Inglaterra mítica, nostálgica e implicitamente branca, como sendo um país rural, repleto de ‘campos verdes invencíveis’” (CARRINGTON, 1998, p. 102). Em segundo lugar, destaca-se o simbolismo da música produzida especialmente para o evento, na qual sobressaem noções de pertença, pureza e contaminação, sugerindo-se que essa “poluição” terá começado na década de 1970, precisamente na altura em que se assistiu a um aumento de jogadores negros nos campeonatos profissionais (CARRINGTON, 1998, p. 114).

A problematização do racismo tem, igualmente, sido acompanhada por um discurso *colourblind* (BONILLA-SILVA, 2006; CLELAND, CASHMORE, 2014) e meritocrático² que ignora as questões de poder e privilégio e se recusa a

2 A este propósito, refira-se, por exemplo, as palavras de José Mourinho quando questionado sobre a ausência de treinadores negros na Liga Inglesa: “Não há racismo no futebol. Quando se tem competência,

analisar a centralidade da questão racial, a partir da qual se reproduzem padrões de inclusão e exclusão. Com efeito, o contexto social e cultural do futebol abre espaço a um discurso “pós-racial” (GOLDBERG, 2009), igualitário e no qual se sugere que as desigualdades raciais são parte do passado. Desta forma, a análise da sub-representação nas posições de poder, no futebol, não pode ser dissociada dos fatores estruturais e das posições ocupadas por não-brancos na sociedade em geral (BRADBURY, 2013, p. 303). São, pois, essas posições antagônicas que operam no contexto do futebol, que reproduzem e perpetuam o privilégio branco.

Futebol, Teoria e Racismo no Sul da Europa: potencialidades e limites

Nos estudos desenvolvidos no sul da Europa sobre futebol e sociedade, o racismo surge invariavelmente associado aos *ultras*³. À semelhança do que tem sucedido no Reino Unido, também em Itália o processo de *demonização* de grupos específicos de adeptos é bem visível. Atente-se à forma como Podaliri e Balestri problematizam a questão do racismo no futebol:

Enfrentar o problema do racismo nos estádios italianos obriga-nos a olhar para a história do apoio da *curva* (ou apoio *ultrà*, tradicionalmente localizado na *curva* dos estádios) e conseqüentemente perceber, quer as dinâmicas que possibilitam a expansão do racismo e da extrema-direita, quer as intervenções estratégicas que atualmente procuram perceber a raiz deste fenómeno (PODALIRI; BALESTRI, 1998, p. 88).

Tal como se observa, a exploração teórica do racismo no futebol italiano encontra-se praticamente confinada à análise dos grupos *ultra*. Ou seja, ainda que se procure enfatizar as especificidades culturais, sociais e políticas do “modelo *ultra*”, por oposição ao “modelo *hooligan*” (BROMBERGER, 1995; BODIN, 2003; MADIR, 2003), a pesquisa do racismo assenta na mesma lógica que tem orientado boa parte da produção científica sobre o futebol britânico. Na verdade, a atenção exclusiva

prova-se que o cargo é merecido. O futebol não é estúpido ao ponto de fechar as portas aos seus melhores protagonistas”. Disponível em: <<http://www.record.xl.pt/internacional/paises/inglaterra/detalhe/mourinho-nao-ha-racismo-no-futebol-907768.html>>. Acesso em: 10 mar. 2006.

3 Os *ultras* constituem uma subcultura de adeptos originária de Itália, na década de 1970, que se encontra fortemente presente em vários países europeus com maior representação na Europa do Sul. Através de um conjunto complexo de atitudes, valores e normas, os *ultras* procuram diferenciar-se tanto dos adeptos “tradicionais” como dos *hooligans* britânicos. Para tal, apostam numa estética e *performance* que se caracteriza pela procura da visibilidade e pela recriação de um cenário belicista, que é acompanhado pela entoação de cânticos e pela utilização de material pirotécnico dentro dos estádios. Ainda que a violência não constitua um fim em si mesma, a confrontação física ou ritualizada com outros grupos e com as forças policiais não é, de todo, evitada. O recurso à violência surge, na maior parte das ocasiões, associado à identidade de grupo e a noções de masculinidade, honra e vergonha, bem como à defesa do território.

conferida ao “adepto racista” possibilita a banalização e desvalorização dos discursos de outros atores igualmente relevantes. Nesse sentido, a tese de que o racismo é um “problema que se situa fora do *mainstream* do jogo, e ao qual ‘todas as pessoas se opõem’, permite que as formas mais banais de racismo e preconceito sejam ignoradas e varridas para debaixo do tapete” (BACK et al., 2001, p. 198).

Com efeito, a limitação fundamental deste tipo de abordagem reside na própria natureza do debate sobre o racismo, já que a diabolização de grupos restritos de adeptos constitui uma ficção que torna invisíveis os padrões racistas mais complexos que se institucionalizaram no futebol (BACK et al., 2001, p. 199).

O caso espanhol também tem merecido alguma atenção por parte dos investigadores. De um modo geral, o questionamento do racismo tem seguido a mesma linha teórica acima descrita. Isto é, parte-se do princípio de que o problema se confina aos grupos organizados de adeptos que evidenciam uma retórica nacionalista e racista (MADIR, 2003; DURAN, JIMÉNEZ, 2006). Aliás, essa conexão encontra-se bem patente, por exemplo, nas recomendações elaboradas por uma comissão política criada pelo governo espanhol, quando se sublinha que os ultras, com as suas atitudes extremistas, constituem um elemento-chave para entender o problema do racismo e da violência no desporto (DURAN; JIMÉNEZ, 2006, p. 88). Desta forma, ao circunscrever o racismo a este tipo de grupo, difunde-se igualmente a ideia de que a sua erradicação se encontra intimamente ligada à própria exclusão dos ultras.

Apesar de, no contexto espanhol, se terem levantado algumas questões pertinentes e que contribuem para o enriquecimento da discussão teórica, nomeadamente o discurso racista e colonialista de diretores e treinadores (SPAIIJ; VIÑAS, 2005), a generalidade dos trabalhos encontra-se refém dos discursos dominantes da academia e do senso comum. Essas limitações estão presentes, sobretudo, em dois níveis. Por um lado, embora se afirme que o racismo ultrapassa o universo dos ultras (SPAIIJ; VIÑAS, 2005, p. 153), por outro, regista-se, recorrentemente, uma tentação em estabelecer essa conexão (DURAN; JIMÉNEZ, 2006).

Outra das fragilidades a destacar refere-se a um entendimento teórico mais geral acerca do racismo europeu e que vai, aliás, ao encontro das correntes académicas hegemónicas. Desta forma, o racismo – ou, pelo menos, a sua intensificação – surge vinculado à questão da imigração e à consequente ameaça à cultura e à identidade nacional e que é acompanhada pela disseminação do medo dos imigrantes (SPAIIJ; VIÑAS, 2005, p. 155, 156). A este propósito é curioso notar a forma como os diferentes setores políticos da sociedade, apesar de defenderem caminhos diferentes, partilham a visão de que a imigração tende, sobretudo, a ser um “problema” (DIAS, 2012 p. 18). Este consenso, que contribui para a produção da alteridade, “produz um espaço de pertença que é, ao mesmo tempo, um espaço de exclusão. E o imigrante é, em relação a esse espaço de pertença da nação, o ‘outro’ nacional e o ‘outro racial’, a figura por excelência do excluído” (DIAS, 2012, p. 19).

A ausência de trabalhos que explorem a relação entre futebol e racismo em Portugal é a característica mais relevante que marca a já escassa produção teórica dos estudos sobre futebol e sociedade. Dentre os trabalhos publicados, destacam-

se os de Marivoet (1989, 2006, 2009), Coelho (1998, 2001) e Domingos (2006, 2011, 2013). Partindo da análise dos processos de construção identitária dos ultras portugueses, o tema da violência em torno dos jogos de futebol surge como foco orientador das pesquisas da Marivoet. De acordo com a autora, a dinâmica destes grupos, portugueses e estrangeiros, tem favorecido a presença de elementos de extrema direita que tendem a eleger, especialmente, as competições internacionais de futebol como um palco de reivindicação nacionalista e de intolerância face ao “outro” (MARIVOET, 2006, p. 71).

Neste sentido, o racismo e o nacionalismo, no contexto atual do futebol português, surgem vinculados à cultura ultra. Apesar de não se pretender negar a retórica nacionalista e racista por parte de alguns grupos organizados, também em Portugal não se tem enfatizado que o racismo ultrapassa largamente as fronteiras dos ultras.

Os trabalhos de Nuno Domingos, ao explorarem as experiências das populações locais face à introdução do futebol em contexto colonial, constituem um importante contributo para a discussão teórica. Com efeito, ao focar o modo como a prática da modalidade foi apropriada pelos moçambicanos (DOMINGOS, 2006), o autor abriu um conjunto de novas possibilidades que estimulam a emergência de um corpo teórico mais abrangente. Embora a questão racial não constitua a sua principal preocupação, o racismo é abordado nos seus trabalhos (DOMINGOS, 2011), mais especificamente o modo como a prática e a apropriação do futebol ultrapassava as linhas de segregação racial que caracterizava a capital moçambicana. Numa das suas publicações mais recentes, Domingos (2013), a partir dos testemunhos do primeiro jogador negro a representar o Sporting de Lourenço Marques, aborda, entre outros temas, a relação entre clubes de futebol, racismo e segregação durante a dominação colonial portuguesa em território moçambicano.

Poder-se-á afirmar, seguramente, que os estudos de Nuno Domingos, ao investigarem um campo temático que tem sido altamente negligenciado, enriqueceram, sem dúvida, a produção académica sobre futebol e sociedade portuguesa. Pena é que o autor tenha optado por circunscrever a sua análise temporal somente à dominação colonial portuguesa. Na realidade, seria interessante que a abordagem de uma parte significativa destas questões pudesse ser trabalhada e repensada após os processos de descolonização, como forma de desmistificar a tese popularmente e academicamente aceite de que a queda do fascismo implicou uma rutura radical com a ideologia colonial e com o racismo.

Não obstante alguns dos trabalhos mais recentes terem enriquecido o debate académico, uma parte significativa dos investigadores que estudam o fenómeno do futebol não tem revelado uma preocupação em relacioná-lo com as raízes do racismo europeu. Ao invés, as análises dominantes vão ao encontro das correntes académicas hegemónicas que defendem que o racismo, na Europa, é um fenómeno mais ou menos marginal (HENRIQUES, 1984). Na verdade, a forma como o racismo ou o nacionalismo europeu é teorizado no futebol não é mais do que um reflexo do modo como essas questões são discutidas na sociedade. Dito de outro modo, tratar-se-ia, sobretudo, de “atitudes”, “preconceitos” e “crenças” por parte de uma minoria de adeptos.

Independentemente de essas leituras irem ao encontro das abordagens que se tornaram dominantes nas ciências sociais, o racismo “sempre foi muito mais do que preconceito” (BONILLA-SILVA, 2015, p. 75). É neste sentido que se reafirma a necessidade de o questionar a partir do seu enraizamento não só entre a cultura popular, como também entre os media. Assim, defende-se que a análise dos discursos dos media permite uma leitura crítica e mais completa acerca dos processos racistas que se produzem no contexto do futebol. Desta forma, é imperioso abandonar a tese do “adepto racista” e deslocar a atenção para o modo como os discursos mediáticos têm reproduzido e mantido um discurso colonialista e racista.

Futebol, raça e nação: os media portugueses antes e após a Revolução de Abril

Partindo do défice teórico anteriormente descrito, a componente empírica do artigo procura realçar o papel que os media desempenham, na condição de “formadores de opinião”, na perpetuação do racismo (VAN DIJK, 2005). Importa salientar que a análise dos discursos da imprensa portuguesa, no período antecedente à Revolução de Abril, não pode ser dissociada do facto de Portugal ter estado sob a governação de um regime fascista. Assim, é necessário ter em consideração as ações do poder político, mais concretamente o modo como os conteúdos jornalísticos estavam sujeitos à censura. No entanto, tal como se procurará evidenciar, os discursos racistas e colonialistas não cessaram com a queda da ditadura. Por meio da análise dos conteúdos produzidos e difundidos pelos media portugueses, a propósito do falecimento de Eusébio da Silva Ferreira, evidencia-se a forma como a celebração da sua *portugalidade* se encontra ancorada no imaginário colonial e nos discursos da *lusofonia*⁴.

Não obstante as narrativas lusófonas advogarem a celebração e cooperação entre os países de língua portuguesa, a matriz desses discursos assenta, em larga medida, na apologia das “caravelas”, ou seja, na reificação de uma ideologia que se encontra profundamente enraizada no imaginário luso-brasileiro e que estabelece a ideia de um colonialismo “benfeitor” (CAHEN, 1997, p. 431). Deste modo, a comemoração da lusofonia vem reforçar, inquestionavelmente, as formações culturais do país colonizador e invisibilizar os processos de pilhagem social, económica e política sofridos pelos povos colonizados (VALE DE ALMEIDA, 2006, p. 26).

Com efeito, as concepções dominantes da portugalidade têm sido alicerçadas através de um discurso que se encontra ancorado no passado colonial e imperial e

4 O sentido do conceito de lusofonia neste trabalho está ligado, sobretudo, à produção de um espaço político, cultural e económico consubstanciado, em 1996, pela criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e que assenta num discurso que procura celebrar uma identidade em comum. No entanto, a sua fundação resulta, essencialmente, da pressão desenvolvida pelas elites portuguesas e brasileiras de modo a reproduzir um discurso celebratório e de exaltação da ideologia colonial (CAHEN, 1997, p. 431). Por outras palavras, a lusofonia “seria o avatar pós-colonial da crença no excepcionalismo colonial português” (OLIVEIRA, 2012, p. 58).

que se traduz no carácter pretensamente universal e “menos racista” que o de outras nações europeias (ARAÚJO, 2013, p. 30). Esta narrativa faz, assim, parte de um processo mais vasto e hegemónico que não só despolitiza como exalta o colonialismo português (ARAÚJO; MAESO, 2013). Na realidade, a celebração do *mundo lusófono*, como parte de um discurso colonial “saudosista” (CAHEN, 1997, p. 392), representa uma continuidade histórica na sociedade portuguesa contemporânea que, particularmente no caso do futebol, está, ainda, muito pouco explorada.

Para a análise dos discursos produzidos e difundidos pela imprensa escrita, no período compreendido entre 1960 e 1974, foram selecionados três jornais e uma revista: *A Bola*, o *Jornal de Notícias*, o *Benfica* e o *Benfica Ilustrado*. Já no que se refere ao período contemporâneo, foram eleitas quatro publicações de imprensa: *A Bola*, o *Público*, o *Jornal de Notícias* e o *Correio da Manhã*, referentes ao mês de janeiro de 2014.

As digressões dos clubes portugueses aos “territórios ultramarinos”: “missões ao serviço da pátria”

A década de 1960 constituiu um importante marco histórico para os clubes portugueses, já que foi a partir dessa altura que a maioria se tornou profissional. Essa profissionalização permitiu um crescimento exponencial do futebol, com especial ênfase para o Benfica, no qual se alinhavam vários jogadores oriundos dos territórios colonizados. Os títulos conquistados pelo clube, em 1961 e 1962, que o tornaram bicampeão europeu, cimentaram a sua posição hegemónica no contexto do futebol português. Nesse sentido, as digressões aos “territórios ultramarinos”, sempre aguardadas com elevada expectativa, constituíam momentos simbólicos marcantes. Não obstante as viagens dos clubes portugueses a África serem anteriores a este período, foi, de facto, a partir dos anos 1960 que se assistiu à sua intensificação. Numa dessas digressões a Angola e Moçambique, que constituíam, de certa forma, a “espinha dorsal” do colonialismo português (MENESES, 2012, p. 124), a principal referência da imprensa desportiva exclamava: “O Benfica rumo a África: uma verdadeira missão ao serviço da pátria!” (A BOLA, 02/07/1962, p. 4). Na crónica da notícia, o destaque vai para as palavras de um dirigente do clube, que, lamentando não poder estar presente, frisava:

Nada poderia orgulhar-me mais do que ver a primeira equipa do futebol português em verdadeira Missão ao serviço da Pátria, visto que é esta, ao fim e ao cabo, a verdadeira Missão que leva o Benfica a Angola e Moçambique [...] em tão queridas parcelas integrantes do Grande Mundo Português, integrantes da nossa Pátria! (A BOLA, 02/07/1962, p.4).

Tal como facilmente se depreende, estas ocasiões proporcionavam momentos para exaltar a “nação”. Nesta viagem em particular, a celebração da *portugalidade* foi particularmente reforçada pelo facto de, pela primeira vez na história do futebol, um clube português se ter sagrado bicampeão europeu. A chegada da equipa a Luanda

foi “apoteótica”, já que à sua espera se encontravam milhares de “portugueses”, brancos e negros: “Indescritíveis os momentos que se seguiram à aterragem do avião e as cenas, verdadeiramente impressionantes, que se desenrolaram sob os nossos olhos” (VALLE, *A Bola*, 05/07/1962, p. 5).

Apesar de a imprensa portuguesa reproduzir a ideologia colonial, importa salientar que a tese, que hoje se encontra profundamente enraizada no imaginário nacional, de que o regime salazarista utilizava, de uma forma sistemática, o futebol como forma de tirar proveitos políticos, tem sido contestada (SERRADO, 2009). De acordo com esta leitura crítica, a ideia do Portugal dos “três eses” – Futebol, Fátima e Fado – não corresponde à realidade, já que o governo salazarista não tinha um plano para instrumentalizar o futebol em seu benefício. Evidentemente, tal como o próprio autor sublinhou (SERRADO, 2009), isso não impediu que o regime fascista fizesse, esporadicamente, uso político das conquistas dos clubes e da seleção portuguesa. Esse maior ou menor aproveitamento do futebol como forma de propaganda política tinha, nos media, um dos seus principais veículos. Concretamente, nesta digressão do Benfica aos territórios ocupados, o poder político, na voz do Governador Geral Trindade Martinez, não deixou de dar eco a essa narrativa:

É com a maior comoção que os portuguesesíssimos do S.L.B saúdam os não menos portugueses desta parcela territorial da pátria, querida e enorme! E ao pôr pé em terra firma deste continente, em que Portugal ocupa posição predominante, já nos paira no espirito e nos acalenta a ideia o próximo contacto que com a mesma finalidade faremos em Lourenço Marques [...] onde esperamos levar as vivas saudações desta comunidade e desta província – do POVO – essa expressão que a todos congrega, sem distinção de classes, raças ou hierarquias (VALLE, *A Bola*, 05/07/1962, p. 5).

Futebol e a Multirracalidade do Império Português

A década de 1960 marcou a intensificação do “recrutamento” de jogadores provenientes das ex-colónias, especialmente de Moçambique e Angola. Curiosamente, a vinda massiva destes atletas para Portugal ocorreu poucos anos após o regime salazarista ter abandonado a designação de “colónias”, produzindo agora a narrativa de que o país não possuía colónias, mas sim “províncias ultramarinas”⁵. É, aliás, nesse sentido, que se pode ler, na revista oficial do Benfica, que o Ultramar constituía uma das principais fontes de recrutamento, “mantendo, assim, a tradição do mais arreigado portuguesismo nas suas principais equipas, do mesmo modo que

5 No período que se seguiu ao final da Segunda Guerra Mundial, particularmente a partir da fundação da Organização das Nações Unidas (ONU), Portugal foi pressionado internacionalmente para cessar a ocupação. O regime português não cedeu e passou a incorporar os “territórios ultramarinos” na nação, apelidando-os de ‘províncias’, seguindo, assim, a mesma designação utilizada para diferenciar as várias regiões de Portugal Continental. A formalização deste discurso ocorreu em 1951, altura em que o termo é incorporado na Constituição (MATOS, 2006, p. 156).

dá a todos a certeza de que, realmente, o Ultramar também é Portugal!” (CORREIA, *Benfica Ilustrado*, 02/1960, p. 11).

Dessa forma, as conquistas internacionais alcançadas pelo Benfica e pela seleção nacional durante a década de 1960, legitimaram, em certa medida, o discurso oficial do regime, que proclamava a especificidade e riqueza da cultura portuguesa, baseada na convivência⁶ com outros povos (COELHO; PINHEIRO, 2002, p. 429). Com efeito, fazendo parte de um discurso que atravessava diferentes áreas sociais, o contexto do futebol proporcionou um espaço no qual se reificava a tese da multiracialidade da nação. A exaltação do Portugal multirracial encontrava-se bem explícita em muitos dos artigos da imprensa desportiva e generalista. Num deles, intitulado “Futebol no mato”, a propósito das atividades militares, que também consistiam em “instruir, educar e amparar” as populações locais, exclamava-se: “Ali não há pretos de Angola –ali há negros portugueses!” (VALLE, *A Bola*, 04/01/1962, p. 3). É, aliás, essa “especificidade” portuguesa que se enfatiza a propósito da obtenção do terceiro lugar no Campeonato Mundial Seleções de 1966:

O futebol português, com a unidade rática de um país pluricontinental e plurirracial, será, na Europa, a expressão acabada da conciliação do praticante dos trópicos, com a sua habilidade congénita, com o praticante europeu, mais inteligente e metódico, de modo a termos, como resultado da simbiose, uma equipa nacional em que a linha técnica corre parilhas com a linha temperamental (SANTOS, *A Bola*, 04/08/1966, p. 4).

Um aspeto que merece ser destacado refere-se a uma continuidade histórica desta narrativa, ou, pelo menos, de parte dela. Na realidade, este discurso, construído a partir de visões dicotómicas entre *africanidade*⁷ e *uropeidade*, ou, em outras palavras, entre *razão versus magia*, continua a fazer parte da narrativa da imprensa portuguesa, o que contribui para o reforço do paradigma racista na cultura popular (ALMEIDA, 2012).

A este propósito, é importante sublinhar o modo por meio do qual as narrativas sobre a Modernidade e a Europa têm sido produzidas em torno da ideia

⁶ A tese da “especificidade” ou “particularidade” da governação colonial, desenvolvida durante o regime salazarista, encontra-se presente através do conceito de “lusotropicalismo”, assente na ideia que o colonialismo português, respeitador das culturas autóctones, apresentava um caráter distinto dos outros, particularmente no que respeita à celebração das práticas de miscigenação. O termo, que foi cunhado pelo antropólogo brasileiro Gilberto Freyre, foi, posteriormente, acolhido pelo “estado novo” português e, em particular, por Salazar (CASTELO, 1998).

⁷ A representação predominante no ocidente sobre os povos africanos encontra-se ancorada no imaginário colonial e assenta, invariavelmente, numa África exótica, selvagem, mas, ao mesmo tempo, genuína, bondosa e ingénua. Esta visão permanece, aliás, quase inalterável desde o colonialismo. No contexto do futebol, esse exotismo, que remete os jogadores africanos para o mundo “selvagem”, encontra-se bem presente nos termos escolhidos para os caracterizar, tais como “pantera”, “felino” ou “gazela” (ALMEIDA, 2012).

de raça. É, precisamente, a partir dessa tese que Hesse argumenta que a invocação da Ciência, Racionalidade ou Estado-Nação funciona, na verdade, como marcador da especificidade da *europiedade*:

A ideia de *modernidade racializada* permite-nos interpretar a modernidade enquanto um processo colonial “Europeu/não-Europeu” histórico e discursivo. Esta ideia analisa o modo através do qual uma entidade cristã estabelecida, contudo ainda geograficamente indeterminada, coalesceu como Europa, afirmando-se política, económica e culturalmente marcada como *branca* em relação às suas designações e marcas de uma ‘não-Europa’ (HESSE, 2007, p. 650).

Assim, mais do que uma região, a Europa é, acima de tudo, uma ideia, um projeto ideológico que ultrapassa largamente as suas próprias fronteiras geográficas (HALL, 1992; WEST, 1993).

Não obstante a reprodução da tese de multirracialidade da nação, as representações dos jogadores negros nos discursos da imprensa contradiziam essa suposta “irmandade”, tão veementemente proclamada. É certo que, em muitos dos artigos pesquisados, se notou a ausência de uma linguagem racista ou de um discurso *racializado* a partir da forma de jogar dos africanos. No entanto, em outras ocasiões, foi possível verificar o modo como a *negritude* desses atletas “lusitanos” era acionada e representada. Por exemplo, na análise da *performance* individual dos jogadores da seleção nacional, num jogo do Campeonato Mundial de 1966, podia-se ler: “Eusébio, menos regular do que o impecável companheiro “pérola negra” Vicente...” (JORNAL DE NOTÍCIAS, 14/07/1966, p. 10).

Para que se compreenda melhor o sentido e o alcance deste tipo de discurso, mais concretamente no que concerne à alusão da *negritude* dos futebolistas, é importante contextualizar, histórica e sociologicamente, a emergência da figura do “atleta negro”, que ocorreu no início do século XX no contexto do boxe norte-americano:

O atleta negro é uma construção produzida a partir das fantasias do reportório colonial da *negritude*, que encontra a sua última expressão na forma da *negritude* desportiva: o furioso, selvagem, incontrolado e quase incontrolável e ingrato sujeito desportivo que deve o seu sucesso a uma fisiologia animalesca inata, que requer a supervisão de um branco para poder canalizar a agressividade natural do corpo negro para um propósito desportivo disciplinado e produtivo (CARRINGTON, 2010, p. 81).

Tal como se constata, a “invenção” do “atleta negro”, corolário lógico do colonialismo europeu, dos seus folclores raciais, das suas fábulas religiosas e da ciência racista do século XIX (CARRINGTON, 2010, p. 1), tem tido enormes repercussões, não só na esfera desportiva como também fora dela. Ainda que, evidentemente, a linguagem e os termos utilizados se tenham alterado ao longo do tempo, é a partir daqui que se deve explorar a forma como os discursos mediáticos

acerca da negritude se acionam nestes espaços, ao mesmo tempo em que não se produz qualquer reflexão acerca do que significa a *branquitude*.

Para além da utilização de terminologias que aludiam à *negritude* de alguns jogadores, verificava-se, por vezes, a utilização de uma linguagem explicitamente racista, como, por exemplo, numa edição do jornal *A Bola* que, ao elogiar a prestação de Vicente Lucas durante o Mundial de 1966, apelidou-o de “pretinho de ouro” (*A BOLA*, 18/07/1966, capa). A escolha deste tipo de expressão não é, evidentemente, inocente. Pelo contrário, vai ao encontro dos discursos paternalistas proferidos pelo poder político, religioso e científico que representava os negros como “crianças grandes” (CABECINHAS; CUNHA, 2003, p. 14). Com efeito, embora o *Acto Colonial* tenha sido abolido oficialmente da Constituição em 1951, poder-se-á, seguramente, afirmar que a “função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas” (MATOS, 2006, p. 63) se estende muito para além da sua abolição.

As características associadas à *branquitude* e à *negritude* encontram-se bem explícitas numa crónica, publicada pelo jornal *A Bola* (MARQUES, 02/06/1962, p. 8) intitulada “A alma branca do negro *índio*”, que relata um episódio acerca de um jogador brasileiro, apelidado de “índio”, que atuava no Espanhol de Barcelona. A história resume-se da seguinte forma. O jogador acabara de assinar um contrato “em branco”, deixando a decisão do valor do seu salário ao critério do clube. Esse gesto do “índio”, desprovido de interesse, com a sua “alma de criança, rapaz sem maldade” foi amplamente elogiado através de um jogo de palavras em que sobressai, inquestionavelmente, a ideia de que não se esperaria que um negro pudesse ter essa “nobreza de carácter”.

Não obstante a reprodução deste tipo de discurso não ter ocorrido de uma forma sistemática (tendo em conta o longo período consultado) é por demais evidente que estes futebolistas se encontravam *eticamente marcados*⁸ (SAYYID, 2004, grifo nosso). Neste sentido, poder-se-á afirmar que o racismo no futebol passa, em larga medida, pela “normalização da branquitude” e pelas conotações implícitas que estão por detrás desses sentimentos de pertença (BACK et al., 2001, p. 6). Esta é, precisamente, a ideia reforçada por Long e Hylton (2002, p. 90) quando frisam que a “identidade branca” nunca é tratada como tal, já que o “branco” é visto como “normal”, por oposição ao negro, visto como o “outro”. A este propósito, destaque-se, ainda, o título escolhido para a legenda de uma fotografia da equipa do Benfica e Bissau, poucas semanas antes da queda do fascismo: “Os pretinhos da Guiné” (CORREIA, *A Bola*, 04/04/1974, p. 8).

Tal como se procurará analisar no ponto seguinte, apesar de se terem registado algumas mudanças no período pós-Revolução, poder-se-á seguramente afirmar que a imprensa portuguesa tem vindo a manter um discurso colonialista,

⁸ Na pesquisa realizada foi possível detetar uma série de terminologias que invocavam a negritude dos futebolistas: “*colored*”, “rapaz de cor”, “negro” foram os termos mais utilizados pela imprensa portuguesa. Já no período contemporâneo, o uso de expressões como “cigano de ouro” (RECORD, 22/10/2014, capa) revela o modo como a população cigana permanece *racialmente marcada*.

refletindo, aliás, a ideologia hegemónica em Portugal. Não deixa, por isso, de causar alguma surpresa a tese defendida de que a concepção predominante durante o domínio colonial seria “fortemente etnocêntrica”, mas “não propriamente racista” (ALEXANDRE, 1999, p. 140). É, contudo, pertinente salientar que a negação do racismo, enquanto eixo central do discurso da imprensa, enraizou-se nos diferentes sectores da sociedade. Ou seja, produziu-se e reificou-se a tese de que o colonialismo português se distinguiu pela ausência de qualquer tipo de discriminação racial. Desta forma, verifica-se, na contemporaneidade, a ausência de uma rutura com estes discursos. Pelo contrário, estas ideias, herdadas do racismo, do colonialismo e reforçadas pela tese *lusotropicalista*, permanecem hegemónicas na sociedade portuguesa.

A imprensa portuguesa pós 25 de Abril: Eusébio enquanto símbolo da *portugalidade*

O falecimento de Eusébio da Silva Ferreira (em janeiro de 2014), jogador moçambicano que se celebrou ao serviço do Benfica e da seleção nacional durante a década de 1960, mereceu um enorme destaque nos media globais, sendo, inclusive, manchete em inúmeros jornais e noticiários televisivos internacionais. Considerado por muitos como um dos “melhores jogadores de todos os tempos”, juntamente com Di Stéfano, Pelé, Johan Cruyff ou Maradona, a figura de Eusébio surge, nos discursos políticos e jornalísticos nacionais, umbilicalmente ligada à ideia de *portugalidade*. Essa portugalidade, que não raras vezes se confunde com o discurso luso-tropicalista tão enraizado na cultura popular, tornou-se, na verdade, parte integrante do imaginário e da representação da nacionalidade (VALE DE ALMEIDA, 2006, p. 18). No caso de Eusébio, as narrativas dominantes que se perpetuam desde a sua vinda para Portugal surgem, invariavelmente, associadas aos discursos que glorificam e banalizam as relações de dominação que se estabeleceram no contexto colonial.

Em agosto de 1962, o jornal *A Bola* escrevia, na capa: “Eusébio, produto nacional tão bom como o vinho do porto” (*A BOLA*, 05/08/1962). No ano seguinte, na publicação oficial do Benfica, exaltava-se a sua *lusitanidade* ao afirmar-se que “Eusébio, para ser português, até tinha de ter o inconfundível Silva plantado no nome” (*O BENFICA*, 10/10/1963, p.8). Tal como se mostrou na secção anterior, este discurso emergiu e consolidou-se num período histórico e político específico. Nesse sentido, seria expectável que a queda do regime salazarista implicasse uma rutura radical de discursos e narrativas. Evidentemente que o 25 de Abril resultou numa mudança de conteúdos mediáticos. No entanto, apesar do abandono da terminologia colonial (“províncias ultramarinas” ou “Portugal ultramarino”) ou do uso de termos como “preto” ou “pretinho” ter desaparecido do vocabulário jornalístico, o contexto do futebol tem vindo a afirmar-se como palco privilegiado de celebração da *portugalidade*, no qual não raras vezes se banaliza e trivializa o colonialismo e o racismo.

Com efeito, a análise dos discursos proferidos pela generalidade das publicações analisadas, ilustra a forma como a narrativa colonial continua bem

presente no imaginário nacional, percorrendo, aliás, todas as esferas da sociedade portuguesa:

Morreu Eusébio, descendente do povo de Gungunhama e Zixaxa, paradoxal símbolo de meio século de Nação portuguesa e artista único no mundo do futebol internacional. O primeiro responsável pelos apelidos Silva e Ferreira e pelas emoções que assolaram Portugal nos últimos dias chama-se... Vasco da Gama (BANDARRA, *Correio da Manhã*, 12/01/2014, p. 16).

A mobilização da narrativa colonial foi, na realidade, um dos traços comuns em grande parte dos textos analisados. Num artigo intitulado “Eusébio património do Mundo” (FERREIRA, *Jornal de Notícias*, 06/01/2014, p. 2) sublinhava-se, num tom saudosista, que o futebolista genial era o “símbolo de uma certa portugalidade ultramarina e da grandeza colonial perdida [...] a imagem da assimilação desta íntima portugalidade intercontinental, de projeção universal.” É interessante verificar que a existência de uma continuidade histórica no que se refere à glorificação do colonialismo e à exaltação do seu legado universalista é, na realidade, constitutivo do próprio pensamento europeu (WALLERSTEIN, 1997, p. 96).

Os discursos proferidos pela totalidade dos partidos políticos deram eco ao sentimento geral de consternação pela perda de “um símbolo nacional”. Foi esse o sentido das palavras do Presidente da República, ao recordar “o dia em que saiu do campo em lágrimas, chorando por Portugal. As lágrimas de Eusébio, nesse dia, são as nossas. O País chora a sua morte. O País está oficialmente de luto” (MARQUES, *A Bola*, 06/01/2014, p.7). A celebração da *portugalidade* do “Pantera Negra” foi aclamada na totalidade das publicações analisadas. Por exemplo, no jornal *Público* (FÉLIX, 06/01/2014, p.10) escrevia-se que o futebolista tinha sido “a projeção da portugalidade no mundo global”, enquanto o *Correio da Manhã* (que lançara uma campanha intitulada “Eusébio ao Panteão⁹ Já!”) exclamava: “O Panteão Nacional foi feito para os ícones da portugalidade. E Eusébio é um ícone!” (CORREIO DA MANHÃ, 07/01/2014, p. 4).

A consensualidade em torno não só da figura de Eusébio, mas sobretudo do papel que lhe foi atribuído enquanto símbolo nacional não pode deixar de causar alguma perplexidade. Com efeito, excetuando dois textos que se distanciaram dos discursos hegemónicos, todas as publicações analisadas exaltaram o papel de Eusébio como símbolo da *portugalidade* e da lusofonia. Num deles, intitulado “A política de Eusébio” criticava-se, precisamente, o silêncio que se escondia por detrás dos discursos dominantes: “ocorre, desde logo, uma dimensão política que, de tão óbvia, custa a entender não ter sido mencionada. De facto, a vida e carreira de Eusébio só

9 O Panteão Nacional é um edifício que data de 1836, originalmente concebido para ser uma igreja, e que “acolhe os grandes vultos da história portuguesa”. Disponível em:<<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/dgpc/m/panteao-nacional>>. Acesso em: 18 mar. 2006. A transladação dos restos mortais de Eusébio ocorreu no dia 3 de julho de 2015, após ter sido aprovada, por unanimidade, pela Assembleia da República.

foram possíveis porque, nos anos 60, Portugal era o último império ultramarino europeu” (AMARAL, *Correio da Manhã*, 13/01/2014, p.2).

Nessa linha de pensamento, o maior destaque vai para um extenso artigo, assinado por Nuno Domingos, no qual se exploram alguns aspetos fundamentais que permanecem silenciados ou profundamente marginais na sociedade portuguesa:

Eusébio faz parte de uma narrativa portuguesa imperial e pós-imperial. Esta, vista por muitos como um encontro cultural, foi, na verdade, e apesar de uma inegável história em comum, erguida pela violência, pela exploração e por relações de poder radicalmente desiguais. Tudo questões de índole pouco comemorativa que não interessam à moderna diplomacia económica, legitimada por uma ideia de lusofonia global mais preocupada com os negócios do que com a vida das populações (DOMINGOS, *Público*, 09/01/2014, p. 28).

Partindo desta ideia, é importante sublinhar que a apropriação da figura de Eusébio faz parte, na verdade, de uma narrativa que silencia e vulgariza o colonialismo (TROUILLOT, 1995). Eusébio da Silva Ferreira foi – e continua a ser – uma referência incontornável no panorama do futebol mundial. E é igualmente justo salientar que, de facto, Eusébio é genuinamente idolatrado pela maioria dos portugueses e, em particular, pelos adeptos do Benfica. No entanto, paradoxalmente, isso não implica que esses mesmos adeptos, jornalistas ou políticos não reproduzam discursos colonialistas e racistas. Isto é, a celebração e a aceitação de jogadores negros não implica necessariamente a defesa de um discurso antirracista. Pelo contrário, essa admissão e adoração assentam, muitas vezes, em determinados “termos e condições”, ou seja, é acompanhada por um “passaporte cultural” que, na verdade, serve para ocultar a negritude (BACK et al., 2001, p. 85).

A análise comparativa das ruturas e continuidades dos discursos veiculados e reproduzidos pela imprensa portuguesa entre o período fascista e contemporâneo constitui um ponto de partida para uma discussão mais aprofundada sobre o modo como o contexto do futebol oferece possibilidades para se repensar a questão da produção da identidade nacional. Simultaneamente, o foco nas narrativas mediáticas leva, necessariamente, à conclusão de que a ideologia colonial racista se estende muito para além dos grupos de adeptos. Tendo em consideração as particularidades das sociedades atuais, aliada à dimensão que o futebol ocupa na representação das culturas populares, o papel dos media na consolidação dos paradigmas dominantes afigura-se de extrema relevância, pelo que uma análise séria e completa acerca dos mecanismos que reproduzem o racismo não pode menosprezar o impacto dos seus discursos na opinião pública.

Considerações finais

Não obstante o crescimento das publicações na Europa sobre futebol e sociedade nas últimas duas décadas, esta área de estudos ainda ocupa uma posição marginal no panorama académico. Poder-se-á afirmar que o facto de as correntes dominantes das ciências sociais negligenciarem este campo de análise é intrigante,

sobretudo na incapacidade revelada em compreender que o estudo do desporto se tornou, nas sociedades contemporâneas, uma das possibilidades para a compreensão da própria realidade social. Partindo desta ideia, mostrou-se, por meio da análise dos discursos da imprensa portuguesa em dois momentos históricos distintos, que a narrativa colonial continua a ocupar um lugar central na sociedade portuguesa.

Nesse sentido, este trabalho pretendeu desmistificar a tese de que a Revolução de Abril implicou um corte radical de paradigmas e discursos. Em concreto, evidenciou-se que o amplo consenso em torno da celebração da *portugalidade* de Eusébio deve ser entendido num quadro que não só favorece como reforça as narrativas herdadas de um longo passado imperial e colonial. Além disso, a exaltação da “grandiosidade lusitana” e da “lusofonia”, que se tornou um lugarcomum na imprensa portuguesa, tem contribuído, igualmente, para o silenciamento do debate racial (LENTIN, 2008) no contexto português. É, pois, neste sentido que se defende a tese de acordo com a qual o desporto, com as suas dinâmicas, muitas vezes contraditórias, “produz e reproduz a raça para além das suas próprias fronteiras” (CARRINGTON, 2010, p. 3).

Referências

- ALEXANDRE, Valentim. O Império e a ideia de raça (séculos XIX e XX). In: VALA, Jorge (org.). **Novos Racismos: Perspectivas Comparativas**. Oeiras: Celta, 1999.
- ALMEIDA, Pedro. Futebol, racismo e eurocentrismo. Os média portugueses na cobertura do Campeonato Mundial de Futebol na África do Sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 98, p. 103-124, 2012.
- AMARAL, Luciano A política de Eusébio. **Correio da Manhã**, 13/01/2014.
- ARAÚJO, Marta. Challenging Narratives on Diversity and Immigration in Portugal: The (De)Politicization of Colonialism and Racism. In: KRETSEDEMAS, Philip et al. (orgs.). **Migrant Marginality: A Transnational Perspective**. New York: Routledge, 2013. p. 27-46.
- ARAÚJO, Marta; MAESO, Silvia. A presença ausente do racial: discursos políticos e pedagógicos sobre História, ‘Portugal’ e (pós-)colonialismo. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 47, p. 145-171, 2013.
- BACK, Les; CRABBE, Tim; SOLOMOS, John. Beyond the racist/hooligan couplet: race, social theory and football culture. **British Journal of Sociology**, v. 50, n.3, p. 419-442, 1998.
- _____. **The Changing Face of football: Racism, Identity and Multiculture in the English Game**. Oxford: Berg, 2001.
- O BENFICA. [Editoria]. [Título desconhecido], 10/10/1963.
- BODIN, Dominique. **Le Hooliganisme**. Paris: PressesUniversitaires de France, 2003.
- A BOLA. [Editoria]. **Eusébio: produto nacional tão bom como o vinho do porto**, Capa, 05/08/1962.
- _____. [Editoria]. **O Benfica rumo a África: uma verdadeira missão ao serviço da pátria!**, 02/07/1962.
- _____. [Editoria]. **Pretinho de Ouro**, Capa, 18/07/1966.
- BONILLA-SILVA, Eduardo. **Racism Without Racists: Color-Blind Racism and the Persistence of Racial Inequality in the United States**. Lanham: Rowman & Littlefield Pub, 2006.
- _____. **More than Prejudice: Restatement, Reflections, and New Directions in Critical Race Theory. Sociology of Race and Ethnicity**, v. 1,n.1, p. 75-89, 2015.
- BRADBURY, Steven. Institutional Racism, whiteness and the under-representation of minorities in leadership positions in football in Europe. **Soccer & Society**, v. 14, n.3, p. 296-314, 2013.

- BROMBERGER, Christian. **Le Match de Football**: Ethnologie d'une Passion Partisane à Marseille, Naples et Turin. Paris: La Maison des Sciences de l'Homme, 1995.
- CABECINHAS, Rosa; CUNHA, Luís. Colonialismo, Identidade nacional e representações do 'negro'. **Estudos do Século XX**, n. 3, p. 157-184, 2003.
- CAHEN, Michel. Des caravelles pour le futur? Discours politique et idéologie dans l'institutionnalisation de la Communauté des pays de langue portugaise. In: CAHEN, Michel (org.). **Lusotropicalisme**: Idéologies coloniales et identités nationales dans les mondes lusophones. Paris: Karthala, 1997. p. 391-433.
- CARRINGTON, Ben. "Football's coming home" but whose home? And do we want it?: nation, football and the politics of exclusion. In: BROWN, Adam (ed.). **Fanatics! Power, Identity & Fandom in Football**. London e New York: Routledge, 1998.
- _____. **Race, Sport and Politics**. The Sporting Black Diaspora. London: Sage, 2010.
- CASTELO, Cláudia. **O Modo Português de Estar no Mundo, o Luso-Tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961)**. Porto: Afrontamento, 1998.
- CLELAND, Jamie; CASHMORE, Ellis. Fans, Racism and British Football in the Twenty-First Century: The Existence of a 'Colour-Blind' Ideology. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 40, n.4, p. 638-654, 2014.
- COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco. **A Paixão do Povo**: História do Futebol em Portugal. Porto: Afrontamento, 2002.
- CORREIA, Carlos. Benfica de Bissau também tem um "Perrichon". **A Bola**, 04/04/1974.
- CORREIA, Severino. Os Moçambicanos do Benfica. **Benfica Ilustrado**, n. 29, 02/1960.
- CORREIO DA MANHÃ. [Editorial]. **Herói Nacional Rumo ao Panteão**, 07/01/2014.
- DIAS, Bruno Peixe. Da alteridade à recusa da identidade: o tempo da subjetivação política. In: DIAS, Bruno Peixe; DIAS, Nuno. (orgs.). **Imigração e Racismo em Portugal: o lugar do Outro**. Lisboa: Ed. 70, 2012.p. 15-28.
- DOMINGOS, Nuno. Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano. **Análise Social**, n. 179, p. 397-416, 2006.
- _____. Urban football narratives and the colonial process in Lourenço Marques. **The International Journal of the History of Sport**, v. 28, n.15, p. 2159-2175, 2011.
- _____. Dos Subúrbios da Lourenço Marques Colonial aos Campos de Futebol da Metrópole, uma entrevista com Hilário Rosário da Conceição. **Cadernos de Estudos Africanos** [Online], n. 26, 2013.
- _____. As Lutas pela Memória de Eusébio. **Público**, 09/01/2014.
- DURAN, Javier; JIMÉNEZ, Jesús. Fútbol y Racismo: un problema científico y social. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**, v. 3, n. 2, p. 68-94, 2006.
- ESSED, Philomena. **Understanding Everyday Racism**. Newbury Park: Sage, 1991.
- FÉLIX, Bagão. Eusébio Sempre. **Público**, 06/01/2014.
- FERREIRA, Almiro. Eusébio património do Mundo. **Jornal de Notícias**, 06/01/2014.
- GOLDBERG, David. **The Threat of Race. Reflections on Racial Neoliberalism**. Malden MA: Wiley-Blackwell, 2009.
- HALL, Stuart. The West and the Rest: Discourse and Power. In: HALL, Stuart; GIEBEN, Bram (eds.). **Formations of Modernity**. Cambridge: Open University e Polity Press, 1992.
- HENRIQUES, Julian. Social Psychology and the Politics of Racism. In: HENRIQUES, Julian et al. (eds.). **Changing the Subject, Psychology, Social Regulation and Subjectivity**. London: Routledge, 1984. p. 60-89.
- HESSE, Barnor. Racialized modernity: an analytics of white mythologies. **Ethnic and Racial Studies**, v. 30, n. 4, p. 643-663, 2007.

- HOLLAND, Brian. Kicking racism out of football: An assessment of racial harassment in and around football grounds. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 21, n. 4, p. 567-586, 1996.
- JORNAL DE NOTÍCIAS. [Editorial]. **Com... Vicente está tudo 'very good'**, 14/07/1966.
- LENTIN, Alana. Europe and the Silence about Race. **European Journal of Social Theory**, v. 11, n. 4, p. 487-503, 2008.
- LONG, Jonathan; HYLTON, Long. Shades of White: an examination of whiteness in sport. **Leisure Studies**, v. 21, n. 2, p. 87-103, 2002.
- MADIR, Isidre. **La Violencia en el Fútbol**. Sevilla: Wanceulen Deportiva, 2003.
- MARIVOET, Salomé. **Evolução da violência associada ao Desporto (1978-1987)**. Lisboa: Ministério da Educação, Direção Geral dos Desportos, 1989.
- _____. **Euro 2004: um evento global em Portugal**. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.
- _____. Subculturas de adeptos de futebol e hostilidades violentas - o caso português no contexto europeu. **Configurações**, v. 5, n. 6, p. 279-289, 2009.
- MARQUES, Eduardo. Portugal perdeu um dos seus filhos mais queridos. **A Bola**, 06/01/2014.
- MARQUES, José. A alma branca do negro "índio". **A Bola**, 02/06/1962.
- MATOS, Patrícia Ferraz. **As Cores do Império: Representações Raciais no Império Colonial Português**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.
- MENESES, Maria Paula. Images outside the mirror?: Mozambique and Portugal in world history. **Human Architecture**, Journal of the Sociology of Self-Knowledge, v. 10, n.1, p. 121-136, 2012.
- OLIVEIRA, Nuno. "Portugal não é um País Pequeno": Reloaded –"Terceira Via" ou Despolitização da Diferença?, In: DIAS, Bruno Peixe; DIAS, Nuno (orgs). **Imigração e Racismo em Portugal: o lugar do Outro**. Lisboa: Ed. 70, 2012.p.47-71.
- PODALIRI, Carlo; BALESTRI, Carlo. The Ultras, Racism and Football in Italy. In: BROWN, Adam (ed). **Fanatics! Power, Identity and Fandom in Football**. London: Routledge, 1998.p. 88-100.
- RECORD. [Editorial]. **Cigano de Ouro**, Capa, 22/10/2014.
- SAEED, Amir; KILVINGTON, Daniel. British-Asians and racism within English contemporary football. **Soccer & Society**, v. 12, n.5, p. 602-612, 2011.
- SANTOS, Vitor. Portugal a lutar na "Barricada Técnica". **A Bola**, 04/08/1966.
- SAYYID, S. Slippery People: the immigrant imaginary and the grammar of colors. In: LAW, Ian; PHILIPS, Deborah; TURNEY, Laura (eds). **Institutional Racism in Higher Education**. Staffordshire: Tretham Books, 2004. p. 149-159.
- SPAAIJ, Ramón; VIÑAS, Carles. "A porellos!": racism and anti-racism in Spanish football. **International Journal of Iberian Studies**, v. 18, n.3, p. 141-164, 2005.
- SERRADO, Ricardo. **O Jogo de Salazar: a Política e o Futebol no Estado Novo**. Lisboa: Casa das Letras, 2009.
- TESTA, Alberto; ARMSTRONG, Gary. **Football Fascism and Fandom: The Ultras of Italian Football**. London: A&C Black Publishers, 2010.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silencing the Past**. Power and the Production of History. Boston: Beacon Press, 1995.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. On the Lusophone Postcolony: 'Culture', 'race', 'language'. Conferência apresentada na Rutgers University, New Brunswick, 2006.
- VALLE, Raul. Futebol no Mato. **A Bola**, 04/01/1962.
- _____. Os Campeões da Europa no Ultramar: Apoteose ao Benfica em terras de Angola. **A Bola**, 05/07/1962.

VAN DIJK, Teun. Nuevo racismo y noticias: un enfoque discursivo. In: LASH, Mary; TELLO, Rosa; BENACH, Núria (eds). **Migración, Género y espacios urbanos**. Barcelona: Bellaterra, 2005. p. 33-55

WALLERSTEIN, Immanuel. Eurocentrism and its Avatars: the Dilemmas of Social Science. **New Left Review**, n. 226, p. 93-107, 1997.

WEST, Cornel. **Beyond Eurocentrism and Multiculturalism**. Prophetic Reflections: notes on Race and Power in America. Monroe, Maine: Common Courage Press, 1993.

WILLIAMS, John. **Lick my boots: Racism in English Football**. Sir Norman Chester Centre for Football Research: University of Leicester, 1992.

Recebido em 30/03/2016

Aceito em 31/08/2016